

# Deixem-nos em paz

**JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO**

A história é antiga, narrada em livros, mas não custa contá-la de novo; refere-se aos comerciantes parisienses, à época de Luís XIV, e foi contada pela primeira vez naquela ocasião, no século XVII. Colbert, então primeiro-ministro, convocou os representantes das classes comerciais e, com exibicionismo na revelação de seus dotes mercantilistas, perguntou-lhes o que deveria fazer o governo para criar a riqueza comercial da França. A resposta foi imediata e unânime: "Laissez-nous faire", deixem-nos fazer, algo assim como não amolem e nos deixem em paz.

Pelos padrões rígidos, vigentes há algum tempo, seriam os inflexíveis comerciantes radicais de esquerda ou de direita? Seria Colbert um comunista ou democrata? Pela óptica pré-Gorbachev, não há dúvida: Colbert era comunista porque queria o estado disciplinador, sabichão, faz-tudo. Por exclusão, válida essa dicotomia que só aos tolos convence, os comerciantes seriam de direita, talvez anarquistas.

Hoje, depois que o mundo comu-

nista europeu acabou, sem programação prévia e como um sorvete exposto ao sol, os floristas é que seriam comunistas, e da linha Gorbachev; Colbert, do lado oposto, seria de direita. Mas as coisas não são simples assim pois direita e esquerda têm muito a ver com Geografia; para as esquerdas brasileiras, por exemplo, a classificação continuaria a ser a mesma, porque nada mudou. Afinal, seu anelo maior não continua a ser a presença do Estado em todas as atividades, desde as simples relações de trabalho à educação, passando pela economia e o que mais houver? Mesmo que reconhecessem o óbvio, que o atraso econômico, político e cultural brasileiro é filho da estatização?

Mas não há por que deixar de conhecer depoimentos, alguns cultos, sinceros, e mesmo irônicos de ex-integrantes da esquerda; houve quem pedisse choques de capitalismo e, pasme o leitor, até ensino à distância, a universidade aberta que combatiam tanto e que não foi criada justamente por sua ação diante de ministros omissos. Como seria hoje o Brasil se esse ensino tivesse sido criado há uns dez ou 15 anos? Certamente, os po-

bres teriam recebido melhor educação, se é que tiveram alguma; os trabalhadores, além de educação, teriam tido melhor treinamento em serviço e o nível geral do ensino seria incommensuravelmente melhor.

Agora, agindo como se fôssemos todos uns desmemoriados, a mesma esquerda que pede o ensino à distância, e que é a mesma que contra ele se posicionou, e ferozmente, também é a favor do texto constitucional, na parte relativa à educação, e à tal lei de diretrizes e bases que consagra a ignomínia de tirar o pobre da escola porque insiste em que o rico também estude de graça.

É muito difícil falar em direita e esquerda no Brasil, e não é pela memória coletiva curta; nem porque, na esquerda também há aproveitadores e picaretas. Por isso, a pergunta essencial deve ser outra. Quem é a favor e quem é contra a estatização? É na resposta correta que vem dando a essa questão que está a contribuição mais eficaz, até didática, do atual Governo ao desenvolvimento nacional.

■ José Carlos de Azevedo ex-reitor da Universidade de Brasília